

REVISTA O UNIVERSO OBSERVÁVEL

O INDÍGENA GUARANI KAIOWÁ PRESENTE NAS ESCOLAS NÃO INDÍGENAS DO MUNICÍPIO DE NAVIRAÍ: OS PRINCIPAIS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Dayane Aparecida de Oliveira Costa¹

Wilson Matheus Fernandes²

Wagner Antonio Farias Ramalho Doncev³

Luana Souza Ramalho Doncev⁴

Revista o Universo Observável

DOI:10.5281/zenodo.14641183

ISSN: 2966-0599

¹Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho - UNINOVE e Geografia pela Faculdade Integradas de Naviraí - FINAV . Com especialização em Mídias na Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS e Metodologia na disciplina de Geografia, Educação Infantil e Gestão e Coordenação Escolar pela Faculdade FAVENI

Email: dayanewilson@hotmail.com

ORCID: <http://lattes.cnpq.br/7638830800780095>

²Bacharel em Direito/ Unigran Dourados (2024).

Email: Wilson.mth8flash@gmail.com

³Possui graduação em Química pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2011) e mestrado em RECURSOS NATURAIS pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2024).

Email: mestre_alquimista@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1990100379077717>

⁴Graduada em Pedagogia, especializada em Educação Especial e Inclusiva pela UNITINS (Universidade do Tocantins), editora e revisora de Periódicos Científicos. Possui experiência na área de Educação Infantil e Coordenação Pedagógica.

E-mail: luanadoncev@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-0410-415X>



O INDÍGENA GUARANI KAIOWÁ PRESENTE NAS ESCOLAS NÃO INDÍGENAS DO MUNICÍPIO DE NAVIRAÍ: OS PRINCIPAIS DESAFIOS DA APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL

Dayane Aparecida de Oliveira Costa, Wilson Matheus Fernandes, Wagner Antonio Farias Ramalho Doncev e Luana Souza Ramalho Doncev



<https://pt.org.br/governo-do-ceara-a-educacao-intercultural-das-escolas-indigenas/>

PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE

ISSN
International Standard Serial Number
2966-0599

www.ouniversoobservavel.com.br

Editora e Revista
O Universo Observável
CNPJ: 57.199.688/0001-06
Naviraí – Mato Grosso do Sul
Rua: Botocudos, 365 – Centro
CEP: 79950-000

RESUMO

A cidade de Naviraí, localizada no interior do Mato Grosso do Sul, se estende por 3.193,6 km² e, de acordo com o último censo, conta com 54.878 habitantes. Por sua vez, os indígenas Guarani kaiowá estão localizados na Aldeia Urbana Tekohá Mboreviry, nas proximidades do bairro Jardim Paraíso. A aldeia é formada por 266 famílias, com 152 estudantes matriculados em diferentes escolas municipais. No município não existem escolas indígenas para atender a esse público tão importante, assim como não há nenhuma política empregatícia voltada aos indígenas. Vale ressaltar que o abano escolar das etnias indígenas no espaço escolar das escolas municipais de Naviraí - MS, é bastante preocupante, uma das causas apontadas por profissionais da área para esse abandono seria a ausência de engajamento nas atividades desenvolvidas no âmbito escolar, uma vez que as especificidades de cada aluno não são observadas, a diversidade não é valorizada e a qualidade do ensino tende a decair, resultando em frustração e desmotivação. Essa problemática do abano escolar não é algo novo no espaço escolar no ensino público, inserido as comunidades e etnias indígenas, desde o início da chegada dos Portugueses ao Brasil muitos questionamentos sobre o ensino e as necessidades de mudanças no cenário nacional brasileiro, a educação inclusiva que respeite as diversidades culturais, ainda são motivos de diversos estudos e cobranças para criação de políticas públicas sólidas efetivas.

O espaço escolar tem um papel fundamental e transformador para todo ser humano, mas a falta de políticas públicas de um ensino que respeite as diversidades culturais, ainda é bastante nítido e excludente, para as comunidades e etnias indígenas na grade curricular de ensino, grande parte dos profissionais da educação ainda não estão preparados para essa educação diversificada, os saberes das etnias indígenas dentro do espaço escolar, a necessidade de formação profissional é uma luta constante.

Palavras-chaves: Indígena, Aprendizagem, Ensino e Fundamental

ABSTRACT

The city of Naviraí, located in the interior of Mato Grosso do Sul, covers 3,193.6 km² and, according to the latest census, has a population of 54,878 inhabitants. The Guarani Kaiowá Indigenous people

reside in the Tekohá Mboreviry Urban Village, near the Jardim Paraíso neighborhood. The village comprises 266 families, with 152 students enrolled in various municipal schools. However, the municipality does not have Indigenous schools to serve this important community, nor are there employment policies directed at Indigenous people. It is worth noting that school dropout rates among Indigenous ethnicities in the municipal schools of Naviraí-MS are particularly concerning. One reason cited by professionals in the field for this dropout is the lack of engagement in school activities. This is often due to the failure to address the specific needs of each student, the lack of appreciation for diversity, and the decline in educational quality, which leads to frustration and demotivation. This issue of school dropouts is not new within public education spaces involving Indigenous communities and ethnicities. Since the arrival of the Portuguese in Brazil, questions about education and the need for changes in the national educational framework have been raised. Inclusive education that respects cultural diversity continues to be the subject of numerous studies and demands for the creation of solid and effective public policies. The school environment plays a fundamental and transformative role for every individual. However, the lack of public policies for education that respects cultural diversity remains evident and exclusionary for Indigenous communities and ethnicities within the curriculum. Many education professionals are still unprepared for this diversified education. The incorporation of Indigenous knowledge into the school environment and the need for professional training remain ongoing struggles.

Keywords: Indigenous, Learning, Teaching and Elementary

1 INTRODUÇÃO

O abandono escolar é um problema desafiador em todo território brasileiro. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020), mais da metade das pessoas acima de 25 anos não completaram o ensino médio. Uma das causas apontadas por profissionais da área para esse abandono seria a ausência de engajamento nas atividades desenvolvidas no âmbito escolar, uma vez que as especificidades de cada aluno não são observadas, a diversidade não é valorizada e a qualidade do ensino tende a decair, resultando em

frustração e desmotivação. A isso soma-se o desemprego, o qual afeta excessivamente várias etnias indígenas do território nacional, os indígenas não conseguem uma vaga no mercado de trabalho por falta de escolarização e formação profissionalizante adequada. Outrossim, ocorre a ausência de políticas públicas que possam direcionar esse indivíduo.

Diante do exposto, podemos ressaltar que ser indígena no espaço urbano é sinônimo de abandono, é estar à margem dos direitos mais básicos, a exemplo da educação; muitas vezes é sinônimo de desemprego ou trabalho braçal temporário, de baixa remuneração e falta de expectativas por melhores condições.

O espaço escolar tem um papel fundamental para a transformação, construção e orientação do saber, pois é nele que os Direitos Humanos e o respeito à diversidade são colocados em pauta - nas ações pedagógicas do cotidiano escolar. Porém, percebemos que a cultura colonizadora eurocentrista é a única praticada, deixando de lado o papel transformador da educação libertadora, crítica e reflexiva.

A cidade de Naviraí, localizada no interior do Mato Grosso do Sul, se estende por 3.193,6 km² e, de acordo com o último censo, conta com 54.878 habitantes. Por sua vez, os indígenas Guarani kaiowá estão localizados na Aldeia Urbana Tekohá Mboreviry, nas proximidades do bairro Jardim Paraíso. A aldeia é formada por 266 famílias, com 152 estudantes matriculados em diferentes escolas municipais. No município não existem escolas indígenas para atender a esse público tão importante, assim como não há nenhuma política empregatícia voltada aos indígenas.

De acordo com o Projeto de Extensão “Aproximando universidade e escola, teoria e prática: oficinas de história e cultura indígenas campos de estágio”, realizado pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados em 2018, existe pouca ocupação dos indígenas nos comércios, nas indústrias e principalmente nas escolas, o que remete à falta de oportunidade e até mesmo preconceito.

O comércio naviraíense é bastante diversificado nos setores secundário e terciário. A geração de empregos desse setor é marcada por exigências nos requisitos profissionais, como grau de escolaridade e cursos profissionalizantes. A partir dessas exigências percebemos que a porcentagem de indígenas inseridos em espaços profissionais que

exigem maior comunicação oral e interação com a comunidade é mínima.

Esse cenário é reforçado pelos relatos de alguns indígenas da etnia Kaiowá, os quais vivem de forma precária, uma vez que evadem da escola muito cedo e acabam sendo marginalizados por não terem domínio da língua portuguesa, o que gera impedimentos na busca por um crescimento profissional, criando baixas expectativas e dificuldade de sobrevivência digna no espaço urbano. Por conseguinte, no ensino superior percebemos que essa etnia e sua presença é muito desfalcada ou até mesmo mínima, e isso nos remete a vários questionamentos e inquietações, como a falta de informações e oportunidades para continuarem seus estudos com a presença da língua materna, doravante LM.

A Proposta desse projeto tem como intenção compreender os aspectos dessa evasão escolar que culmina no desemprego e na baixa qualidade de vida da comunidade indígena em Naviraí/MS. Destacando e investigando as possíveis causas para essa “invisibilidade” da comunidade Guarani Kaiowá no município de Naviraí.

Ademais, o projeto de pesquisa tem como finalidade a busca dos fatores causadores e as problemáticas que geram a evasão escolar. Seja a questão da língua, a ausência de políticas voltadas aos indígenas e despreparo pedagógico do corpo docente em atender essa minoria no espaço escolar, não por falta de leis ou políticas públicas, mas de consolidação e efetivação dessas leis.

2 PRESSUPOSTO TEÓRICO

Como pressuposto teórico para esse projeto temos os trabalhos desenvolvidos por Ezenir e Antonio (2016); Masson (2017); Calonga, Gonzalez e Barreto de Oliveira (2019); Santos e Marzali (2019). Tais autores evidenciam a importância de discutir a evasão escolar e a repetência da população indígena, salientam a valorização da identidade e o pertencimento étnico após a saída dos indígenas da aldeia para frequentarem escolas no espaço urbano.

Ezenir e Antonio (2016) realizaram uma pesquisa no município de Aral Moreira/MS, o qual apresenta uma realidade semelhante à de Naviraí/MS.

Segundo Ezenir e Antonio (2016, p.4):

Através do currículo que fazemos as coisas acontecer na escola, é através dele que

colocamos em prática nossos sonhos e projetamos a escola que queremos, somos, portanto, os responsáveis por sua elaboração, em fazer com que o torne um mecanismo de inclusão, pois quando pensamos na diversidade cultural de nossos alunos estamos possibilitando que nossa criação ganhe vida própria e que interfira positivamente na vida da comunidade em torno da escola.

Com base no que afirmam os pesquisadores acima, é possível inferir que o currículo é de extrema importância para contribuir de forma ativa na manutenção da língua materna Guarani e a sua real valorização como aluno indígena no ensino fundamental, o que os leva, muitas vezes, a sofrer por não reconhecerem suas origens dentro do espaço escolar, levando a desmotivação e a sua não permanência.

No município Barra do Garças/MT foi desenvolvida uma pesquisa para atender alunos indígenas em escolas não indígenas, com objetivo de entender as políticas educacionais voltadas à educação dos indígenas nas escolas públicas não indígenas a preeminência o que diz o Plano Municipal de Educação. Em paralelo, destaca-se que há falta de pesquisas para os alunos indígenas da cidade de Naviraí/MS, e isso remete a vários questionamentos sobre as problemáticas aqui destacadas, como a evasão escolar indígena no espaço urbano e as dificuldades no aprendizado.

De acordo com Santos e Marzali (2019) o Plano Estadual de Educação tem sua fundamentação voltada para a abordagem inclusiva, buscando a garantia de acesso e permanência a todos.

Diante disso, é preciso que a população tenha consciência da necessidade de indignar-se com qualquer tipo de preconceito ou discriminação, principalmente nos sistemas de ensino, para que todos tenham acesso e aprendam no ambiente escolar. Buscar caminhos para uma educação inclusiva com a LM é evidenciar a permanência desse público indígena dentro da escola, pois essa minoria sofre com a “invisibilidade”, sendo vítima de preconceitos, de uma visão estereotipada, ou seja, identificada como não indígena por não morar mais nas florestas, não habitar em ocas e não usar pintura no rosto. Ser indígena é muito mais que essas características nativas, é o pertencimento a sua etnia ancestral. Assim, torna-se

fundamental que o município tenha em seu Plano de Educação ações que visem a consolidação ativa da língua Materna em seu processo de aprendizagem, seja ele no currículo escolar ou em projetos.

Cândido da Silva (2015) evidencia a relevância de pesquisas que vão de encontro a formação de professores indígenas para atender alunos indígenas em escolas não indígenas, destacando a valorização das identidades e suas diversidades culturais. Pois, conforme Calonga, Gonzalez e Barreto de Oliveira (2019 p.87), os indígenas eram vistos como:

[...] bichos sem civilização que necessitavam ser humanizados. com isso, é notável a necessidade de se desconstruir esse conceito de escola que não respeita e não promove o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade, é necessário suscitar uma ideia de escola inclusiva, emancipatória, que percebe a diversidade cultural dos povos como ferramenta de potencialização do ensino.

Nesse contexto, percebe-se a luta constante para uma prática educativa inclusiva dentro da educação básica, a falta de ações didáticas que potencializem um ensino que valorize as culturas e suas diversidades dentro do espaço escolar. Calonga, Gonzalez e Barreto de Oliveira (2019) vai de encontro a “invisibilidade” e a problemática enfrentada todos os dias nas salas de aulas do aluno indígena no espaço escolar do município de Naviraí/MS.

Sobre a alfabetização indígena, Masson (2017 p. 32) afirma que:

[...] os índios eram alfabetizados em sua língua materna e progressivamente eram introduzidos o aprendizado da língua portuguesa. Porém, com o tempo, foram muitas as dificuldades encontradas na execução da proposta do bilinguismo entre os indígenas em virtude principalmente da falta de professores capacitados em dominar as inúmeras línguas indígenas existente.

Dessa forma, é de suma importância a formação continuada de professores para atender alunos em escolas não indígenas, pois o aprendizado requer um cuidado muito grande em sua execução na proposta bilingue. Assim, destacamos que na cidade de Naviraí esse aspecto é um grave entrave para o desenvolvimento do projeto “Processo de ensino

aprendizagem da criança guarani kaiowá em contexto urbano de Naviraí/MS”, implantado no ano de 2021.

Conforme os trabalhos citados acima, podemos assumir como hipóteses:

- I a evasão escolar na cidade de Naviraí acontece devido à falta de professores interculturais;
- II as dificuldades escolares indígenas têm relação com a falta de formação continuada dos professores da cidade de Naviraí.
- III se implantarmos projetos interculturais as dificuldades escolares indígenas diminuirão;
- IV se a comunidade indígena for mais ouvida nessas escolas municipais as dificuldades escolares serão menores.

2.1 QUESTÃO NORTEADORA

A partir do exposto, levanta-se a seguinte questão: *é possível identificar quais as ações da Secretaria de Educação e Cultura da Cidade de Naviraí/MS para atender alunos indígenas com dificuldade escolar em escolas não indígenas, respeitando sua língua materna e sua comunidade?*

Para além da pergunta acima, levantamos as seguintes perguntas norteadoras nesta pesquisa: : (i) quais são as formações continuadas para professores na área indígena da rede Municipal?; (ii) como funciona a relação da língua materna com a alfabetização dentro das escolas municipais?; (iii) as comunidades e lideranças indígenas são escutadas no espaço escolar?; (iv) a evasão escolar nos 8º anos e 9º anos tem relação com as dificuldades de aprendizagem?; (v) existe contratação de professores interculturais para atender a esses alunos?; (vi) quais são os principais obstáculos na alfabetização e letramento do aluno indígena?

3 OBJETO DE ESTUDO

O objeto de estudo desta pesquisa é a visibilidade da língua materna e as dificuldades de aprendizagem nos estudantes indígenas do 8º e 9º anos das escolas municipais de Naviraí.

3.1 DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

A presença do indígena nas escolas municipais da cidade de Naviraí/MS nos leva a vários questionamentos, o que mais se ressalta dentre eles é a

dificuldade na alfabetização escolar durante o Ensino Fundamental I e as discrepâncias que envolvem a aprendizagem e o desenvolvimento contínuo, resultando na evasão escolar durante o Ensino Fundamental II para as crianças da comunidade indígena Guarani Kaiowá, fato relatado por vários professores, coordenadores e pelos representantes da própria comunidade Guarani Kaiowá.

Conforme Collet, Paladino e Russo (2015), quando falamos da presença do indígena no espaço urbano é bastante visível reflexão e questionamentos por parte dos discentes, um desses questionamentos é o de que os verdadeiros indígenas estão acabando, pois não vemos mais o cocar na cabeça e a pintura no rosto, condição essa que é atribuída ao “índio autêntico”, não considerando que a tecnologia chegou para “todos”, inclusive na aldeia.

Falar do indígena dentro das escolas municipais, o seu processo de aprendizagem e dificuldades, vai além do direito de estudar em escolas não indígenas. É preciso refletir como esse brasileiro é assistido em seus direitos, como e se ocorre a valorização e a permanência da LM na alfabetização e letramento, questionando sempre se as escolas estão preparadas para lidar com essa nova imagem do índio brasileiro contemporâneo.

À vista disso, por muitas vezes o indígena só é assim considerado de maneira caricatural ou quando existe um belo cocar e pintura no rosto, mostrando haver uma visão estereotipada do índio.

Ademais, as temáticas envolvendo o indígena e suas necessidades nos setores educacionais e de políticas públicas vão além da busca por melhores condições em sala de aula ou até mesmo da sobrevivência no espaço urbano, se faz necessário evidenciar a sua visibilidade como indígena contemporâneo, principalmente dentro do espaço escolar. Dessa forma, destaca-se a necessidade de ações pedagógicas ativas e construtivas com professores interculturais. Esses profissionais são licenciados e preparados pedagogicamente em áreas de conhecimento, entre elas: línguas, artes e literaturas; ciências da natureza; matemática; ciências sociais e humanidades, valorizando a vivência, respeito e relações equilibradas.

Segundo Crystal (2005), quando uma língua materna perde seus falantes nativos, torna-se muito difícil de ‘ressuscitar’ com as características de cada comunidade. Falar do indígena é salientar também o direito que cada um tem de manifestar seus costumes

e a LM que se destaca como a parte mais forte da sua identidade no cotidiano com suas famílias.

Pode-se dizer que na educação escolar existe uma tendência ao monoculturalismo. Como afirma Silva (1995), por meio da transmissão, que continua sendo socialmente muito desigual, dos saberes de alcance ou pretensão universal, reduz-se a autonomia das culturas populares e converte-se a cultural dominante em cultura de referência, em cultura padrão.

Vale enfatizar que a cultura indígena brasileira ainda não é assistida por completo dentro do espaço escolar. É importante destacar uma minoria que sofre, muitas vezes, com a “invisibilidade” dos direitos educacionais garantidos por lei, como ressalta Luciana Galo — representante da comunidade Etnia Indígena Kaiowá, professora e coordenadora do projeto “Processo de ensino aprendizagem da criança Guarani Kaiowá em contexto urbano de Naviraí MS”, criado no ano de 2021.

Conforme Freire (2011), o fazer pedagógico precisa ser crítico e reflexivo no processo de construir uma escola diferenciada. Um aluno pesquisador, autônomo e construtivo de saberes, a prática escolar precisa ser reflexiva, que leve a uma aprendizagem construtiva e valorosa em todos os níveis do aprender. A problemática da interação do aprender no espaço escolar é preocupante, pois muitas vezes a cultura “branca” é dominante, apesar de existirem projetos interdisciplinares inseridos formalmente. Outra questão desafiadora neste projeto é compreender como as escolas trabalham o processo de alfabetização e as dificuldades com a língua portuguesa, além de analisar se as políticas públicas são suficientes para oferecer formação continuada aos professores e assim fortalecer a presença do indígena dentro do espaço escolar.

Buscar mecanismos para o desenvolvimento de aulas inclusivas para os alunos da comunidade Guarani Kaiowá, vai além da elaboração de bons projetos pedagógicos, pois muitas vezes os professores não conhecem a cultura e nem a língua indígena presente no cotidiano das famílias. Convém lembrar a necessidade de a criança se sentir acolhida em suas aprendizagens nas escolas municipais de Naviraí, pois a LM é a mais forte expressão da identidade da cultura Guarani Kaiowá. Vale ressaltar que essa problemática não acontece somente neste município e a necessidade de buscar novos caminhos para uma aprendizagem significativa.

Segundo Salvaro (2012), um povo não é somente aquilo que ele produz como artesanato ou o conhecimento em ervas medicinais ou até mesmo ter o domínio da sua língua materna, o pertencimento a uma etnia é muito importante para um povo. Sendo assim, a identidade da criança indígena muitas vezes não é respeitada, levando-as a apresentarem um comportamento de omissão das suas raízes e até vergonha da sua língua materna. Essa problemática é notada muitas vezes quando o aluno precisa falar da sua composição familiar para colegas e professores em sala de aula.

As escolas não indígenas têm apresentado dificuldades em fornecer uma aprendizagem de qualidade para a comunidade indígena, o fator problematizador para a permanência do indígena nas escolas municipais de Naviraí é algo preocupante, pois a desistência escolar é crescente no ensino fundamental II a cada ano.

4 PROBLEMA DE PESQUISA

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – 9.394/96) assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e de processos próprios de aprendizagem no ensino fundamental. O problema que resultou nessa proposta de investigação ocorre devido à grande evasão escolar sofrida no município de Naviraí – Mato Grosso do Sul, o que nos leva a investigar se o direito garantido pela LDB é realmente cumprido dentro das escolas municipais de Naviraí. Outrossim, busca-se saber quais são as ações pedagógicas desenvolvidas nas Escolas José Carlos da Silva, Diomedes Cerri e Maria Aquino de Lourdes, todas localizadas no município de Naviraí e as suas principais dificuldades escolares. Assim, temos o seguinte problema a evasão escolar com maior destaque nos 8º e 9º anos das escolas municipais da cidade de Naviraí.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a presença dos estudantes Indígenas Guarani Kaiowá nas escolas municipais de Naviraí, identificando as dificuldades de ensino e aprendizagem.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Tendo em vista o objetivo geral, este trabalho tem como objetivos específicos:

1. Levantar dados sobre a evasão escolar indígena;
2. Identificar no Plano Municipal de Educação Naviraí os projetos voltados para o ensino e aprendizagem indígena, além de outros projetos.
3. Analisar a metodologia aplicada pelas escolas municipais para alunos falantes da língua materna guarani.
4. Descrever as principais dificuldades do aluno indígena no processo de ensino e aprendizagem.
5. Avaliar as políticas públicas e a utilização dessa para permanência do aluno indígena na escola.

6 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa utilizaremos, inicialmente, a metodologia exploratória, com objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema de pesquisa, visando confrontar hipóteses. Para isso, será realizado um levantamento bibliográfico com objetivo de buscar estudos e pesquisas realizados com outras comunidades indígenas do Mato Grosso do Sul e do Brasil, a fim de identificar alguns padrões para minimizar as dificuldades da aprendizagem dentro das escolas não indígenas do município de Naviraí/MS.

Após a revisão bibliográfica será realizada a coleta de dados da evasão escolar indígena do 8º e 9º ano nas escolas municipais de Naviraí - MS. Os dados serão coletados por meio de uma entrevista com a comunidade escolar. O recorte do 8º e 9º ano foi realizado devido aos índices de evasão escolar dos anos anteriores. Vale ressaltar que os participantes da pesquisa terão seus todos os direitos assegurados conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, no qual o pesquisador se comprometerá a minimizar os impactos que possam a ser sofridos pelos participantes, assim como guardar o sigilo dos participantes da pesquisa. Por isso, antes de iniciar a pesquisa cada participante receberá um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

A entrevista terá como objetivo compreender a relação do professor e do corpo escolar com relação

à evasão de alunos indígenas, quais propostas estão sendo realizadas para evitar a evasão.

Além da entrevista já mencionada, será aplicada mais duas entrevistas com mesmo objetivo: compreender o motivo da evasão escolar indígena. A primeira será aplicada aos pais de crianças indígenas que evadiram, com objetivo de coletar os motivos da evasão. A segunda será aplicada a coordenadora do “Processo de ensino aprendizagem da criança guarani kaiowá em contexto urbano de Naviraí-MS”.

Após a coleta dos dados estes passarão por análises quantitativas (estatística) e qualitativa, com o objetivo de buscar responder as perguntas levantadas: (i) quais são as formações continuadas para professores na área indígena da rede Municipal?; (ii) como funciona a relação da língua materna com a alfabetização dentro das escolas municipais?; (iii) as comunidades e lideranças indígenas são escutadas no espaço escolar?; (iv) a evasão escolar nos 8º anos e 9º anos tem relação com as dificuldades de aprendizagem?; (v) existe contratação de professores interculturais para atender a esses alunos?; (vi) quais são os principais obstáculos na alfabetização e letramento do aluno indígena?

Em seguida os dados serão transcritos, tratados e analisados com base nos resultados Ezenir e Antonio (2016); Masson (2017); Calonga, Gonzalez e Barreto de Oliveira (2019); Santos e Marzali (2019). Após o tratamento dos dados, as hipóteses serão confrontadas.

Com base na descrição e análise dos dados e das evidências empíricas acerca do processo de evasão indígena em questão, vamos propor, como produto, que os dados levantados sejam disponibilizados para a Secretaria Municipal de educação para serem aproveitados em melhorias no Plano Municipal de Educação buscando futuras contribuições para o fortalecimento da etnia e a permanência dos alunos dos 8º anos e 9º anos do ensino fundamental.

A leitura e as reflexões realizadas acerca dos relatos serão desenvolvidas com base na bibliografia relevante.

CRONOGRAMA

TAPA	SEME STRE	SEMESTRE ²	SEMESTRE	SEMESTRE
ursar disciplinas obrigatórias				
ursar disciplinas eletivas				
evantamento bibliográfico				
efesa do pré-projeto				
oleta de dados				
abulação e análise dos dados				
evisão e redação final				

REFERÊNCIAS

BESSA FREIRE, J.R. *Da Língua Geral ao Português: Para uma história dos usos sociais das línguas na Amazônia*. Tese de Doutorado em Literatura Comparada apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2003.

CALONGA, T. G.; GONZALEZ, C. G.; BARRETO DE OLIVEIRA, R. Educação Escolar Indígena: Formação de Professores e Construção do Currículo. In: *IV seminário Formação Docente: Intersecção entre Universidade e Escola*. Dourados-MS, 2019. p 86 – 95. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/article/view/5750/5736> Acesso em: 13 dez. 2022.

COLLET, C.; PALADINO, M.; RUSSO, K. *Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2014.

CÂNDIDO DA SILVA, J.A. *Políticas públicas de educação escolar indígena e a formação de professores indígenas no acre*. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná. Curitiba,

183p, 2015. Disponível em: http://www.pgge.ufpr.br/teses%20d2015/d2015_Jos%C3%A9%20Alessandro%20C%C3%A2ndido%20da%20Silva.pdf. Acesso em: 13 dez. 2022.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. Tradução Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2005.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 50ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

LABHIS/FCH/UFGD. *Projeto de Extensão - Aproximando universidade e escola, teoria e prática: oficinas de história e cultura indígenas campos de estágio*. Edição 2018. Dourados, Acervo docência do Laboratório de Ensino de História, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados (LABHIS/FCH/UFGD), 2018.

LDB - *Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

MAROLDI, A.M. *Estudos bibliométricos sobre educação indígena: frente de pesquisa, vida média e obsolescência da Literatura citada em teses e dissertações*. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 206p, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/9451/MAROLDI_Alexandre_2018.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 13 dez. 2022.

SALVARO, T. D. O ensino aprendizagem da língua Kaingáng como fator de identidade. In: NÖTZOLD, A.L. et al. *Etnohistória, história indígena e educação: contribuições ao debate*. Porto Alegre: Palotti, 2012, p.149-161.

SILVA, R. S. da; MARZARI, M. Educação Indígena: Desafios para as Escolas não Indígenas em Barra do Garças-MT. *Revista Prática Docente*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 317-333, 2019. DOI: 10.23926/RPD.2526-2149. 2019. v4. n1. p 317-333. Disponível em: <http://periodicos.cfs.ifmt.edu.br:443/periodicos/index.php/rpd/article/view/394>. Acesso em: 13 dez. 2022.

SILVA, T.T. *Alienígenas na sala de aula
uma introdução aos estudos culturais em educação*. 2.
ed. Petrópolis: Vozes, 1995.